

A passagem de Tancredo pelo Hospital de Base

Dez dias antes da primeira cirurgia do Presidente Tancredo Neves, o doutor Gustavo Arantes, gastroenterologista e diretor do Hospital de Base de Brasília, comemorou o aniversário do Presidente na casa de seu sogro, Paulo Cabral. Ele não suspeitava que Tancredo já estava doente.

Hoje, quase dois meses depois daquela noite alegre, Gustavo Arantes está de licença no trabalho. No Rio durante dez dias, vai freqüentar a praia da cidade onde nasceu e tentar esquecer as acusações de que foram vítimas sua equipe médica e o hospital que dirige.

É quase fazendo uma catarse que ele relembra como ficou sabendo que a saúde do Presidente não era tão boa quanto parecia e diziam. Foi no dia 11 de março, à tarde, em seu consultório: ele soube que Tancredo Neves sentia dores abdominais, numa conversa com o amigo e também médico Renault Mattos Ribeiro:

— Ele esteve em meu gabinete e perguntei se era o médico do Presidente. A resposta foi “não sei”. Renault me contou que antes da reunião do Colégio Eleitoral, em janeiro, o Dr. Tancredo fez um check-up que não acusou nada. Pouco antes de o Presidente viajar para o exterior, em fevereiro, esteve novamente no consultório do médico e na saída avisou: “Ah! Renault, quando voltar queria ver contigo esta dor que estou sentindo aqui”, e apontou para a parte baixa da barriga. Posteriormente, o Renault ligou para o Aecinho e tentou contar a história da dor.

“Eu tomo posse de maca”

Dois dias depois, no dia 13 de março, Gustavo Arantes recebeu um telefonema do cirurgião Pinheiro da Rocha. Eram mais ou menos quatro horas da tarde e o médico contou que tinha examinado o Presidente a pedido do Dr. Renault e suspeitava que o caso era de crise abdominal aguda, provavelmente apendicite. Ia ser feita uma ecografia e a partir daí seria possível ter um quadro mais definitivo.

— À noite — diz Gustavo Arantes — a ecografia foi feita. E foi mais um dado para se crer no diagnóstico de apendicite aguda, já que apareceu uma imagem compatível com abscesso. O Pinheiro então me avisou que se fosse preciso operar, gostaria que a operação fosse feita no Hospital de Base. No dia seguinte de manhã, véspera da posse, ele foi me ver: “Arantes, fizemos o exame e não tenho a menor dúvida de que o quadro é cirúrgico. Como a posse é amanhã, o Presidente está tomando antibiótico para ver se ganha mais um dia.”

Pinheiro da Rocha pediu então que fosse colocada à disposição uma das salas do centro cirúrgico do hospital. E completou: “Mas eu nem sei se sou eu mesmo que vou operar o Presidente”.

— No dia 14, o Hospital de Base estava de prontidão. Aliás, quando acontece algum evento em Brasília sempre ficamos de prontidão. Quando dei o toque de alerta, no dia 13, às seis da tarde, disse que era por causa da posse.

Na noite do dia 14 a ansiedade do diretor do Hospital era grande. Estava na casa do sogro falando sobre o assunto quando Renault telefonou avisando que estava indo para a Granja do Riacho Fundo.

— Ele pediu para ficar atento: “As coisas não estão nada boas.” Pouco depois, em novo telefonema, Renault confirmava que o Presidente não estava nada bem. Acionei o esquema do hospital e fui para lá. Por volta das 10 horas da noite o Presidente chegou acompanhado por D Risoleta, o filho Tancredo Augusto e o neto Aécio. Eu tinha reservado uma cadeira de rodas mas ele preferiu ir andando até a suíte presidencial, passando por uma entrada reservada, incógnito, achando que ia fazer receber soro com antibiótico para aguardar as 12 horas até a posse. Fez até comentário: “Amanhã eu tomo posse nem que seja de maca. Depois, vocês façam de mim o que quiserem”.

O Dr. Arantes lembra que logo a seguir começaram a chegar as autoridades da Nova República: José Sarney, Ulysses Guimarães e os futuros Ministros.

“Renault, você me paga”

Tancredo Neves colheu sangue para um novo hemograma. Pela manhã, um exame havia acusado cerca de 14 mil leucócitos (o normal é até 10 mil). Agora, esta taxa havia subido para 17.700:

— Ele tinha febre, calafrios e estava começando a ficar com cianose (as extremidades arroxeadas) e uma barriga que não podia ser tocada, tamanha era a dor que sentia. Em suma — lembra o Dr. Arantes — um agravamento total do quadro. Diante disso, houve a decisão de operar.

Na suíte presidencial, com 400 metros quadrados, a esta altura já havia muita gente. De um lado se discutia a Nova República, do outro, os médicos conferenciavam com a família. D Risoleta ficou sabendo que havia 90% de chance de ser apendicite aguda. Perguntou então pelos outros 10%. O Dr. Renault não mentiu: “Pode ser tudo.” Ela então foi categórica: “Ele só opera se quiser.” Convencido pelo sobrinho, o Ministro Francisco Dornelles, o Presidente acusou o médico Renault, já entrando no centro cirúrgico: “Você me enganou. Me disse que ia tomar soro!”

— O Presidente pediu ainda para não ver ninguém nos corredores. Foi inclusive por isso que ele desceu em São Paulo com o rosto coberto. Pedimos que todos se retirassem e ele fez a última ameaça: “Renault, se você estiver errado, você me paga!”

Foi iniciado então o ato cirúrgico. A lesão foi localizada e um médico saiu da sala dizendo: “É um divertículo de Meckel”. Segundo o Dr. Gustavo Arantes, o alívio foi geral. Um divertículo era uma patologia benigna. Até um apendicite seria pior. Pouco depois saía o Dr. Gustavo Ribeiro, cirurgião especializado de colon-proctologia. Ele avisou aos médicos Arantes e Renault: “É um tumor.” O leiomioma foi retirado numa cirurgia difícil. O Dr. Gustavo afirma que o Presidente quase teve uma parada cardíaca:

— Quando terminou, nos reunimos para divulgar o primeiro boletim. Eu, como diretor do Hospital, os médicos Pinheiro da Rocha, Renault Mattos Ribeiro, Aluísio Toscano, os Ministros José Hugo Castelo Branco e Mauro Salles e o assessor de imprensa da Presidência, Antônio Brito. E o Pinheiro decidiu: “É um divertículo”. Isto porque todo doente tem direito à privacidade. E tendo em vista a benignidade da lesão, seríamos advertidos se divulgássemos no boletim que o Presidente tinha um tumor. Por isso, quando fomos acusados pelo Dr. Pinotti, não pudemos dizer nada.

“Pinotti fala demais”

No quarto dia do pós-operatório, por não se tratar de um doente comum e já com um quadro de ileo adinâmico, foi convocada uma junta médica. Foi tomado o cuidado de se chamar médicos de Minas, Rio de Janeiro e São Paulo. O nome do Dr. Pinotti foi sugerido pela família. Saiu então o boletim da junta, alterado em algumas palavras por D. Risoleta, preocupada com a imagem pública do marido.

O Dr. Arantes se defende. Afirma que, ao mesmo tempo que o boletim não dizia nada (como acusou a imprensa), “dizia tudo”.

— Concordava com o diagnóstico, com o tratamento e com as medidas do pós-operatório. Se o quadro não melhorava era por causa do paciente. O intestino não funcionava. Decidiu-se pelo tratamento clínico por mais 24 horas. Os médicos Jaime Landman, Lopes Pontes e Agostinho Bertarello conversaram e decidiram avisar à família que o caso era grave. D. Risoleta comentou nesse dia que quis levar o Presidente para Belo Horizonte, quando ele começou a sentir dores, mas ele se recusou. Alegou que o Dr. Renault era seu médico há mais de 20 anos e confiava nele inteiramente.

Foi durante um almoço, toda a junta reunida, que os médicos Landman, Resende e Procópio decidiram permanecer em Brasília. Pinheiro da Rocha pediu então ao Dr. Pinotti que ficasse também. Na segunda cirurgia, diz Gustavo Arantes, o cirurgião Pinheiro da Rocha abriu o corte e passou o bisturi para Pinotti. “Era uma maneira de dividir responsabilidades”.

— Tínhamos o compromisso que não dar entrevistas, para acabar com as fofocas — diz Gustavo Arantes. — O Brito seria o porta-voz. Parece que ninguém avisou ao Dr. Pinotti e ele deu aquela entrevista que gerou um mal-estar total. Mas quem tinha que cassar a voz do Pinotti era a assessoria de imprensa.

O Dr. Tancredo, desde que entrou no Hospital, não melhorou em momento algum. Só o Dr. Pinotti disse que ele teria alta. Porque fala muito. Com a hemorragia no décimo primeiro dia, decidiu-se pela transferência para São Paulo. O Presidente sempre dizendo: “Estou cansado, estou muito cansado.” Em nenhum momento ele melhorou. Só caiu. Como um castelo de cartas. Você retira uma carta e ele desmorona.

— Gostaria de dizer ainda que o Hospital de Base não é sujo. No mês de março 60 pacientes foram operados na cirurgia geral.

Brasília — Foto de Arquivo — 22/3/85



Gustavo Arantes, Pinheiro da Rocha, Renault e Pinotti: personagens de uma tragédia